

Contos Seleccionados

A black and white photograph showing a person's silhouette from behind, looking out a window. The window is divided into two panes. The left pane shows a bright, overexposed sky. The right pane shows a cloudy sky with a crescent moon and a body of water in the foreground. The person is wearing a dark jacket.

Clei Souza

Editora Gato Ed
Churume Literário

Este é um livro de contos de Clei Souza, um poeta, um escritor, professor, pensador, militante, artista, uma pessoa que segue por caminhos diversos, mas que sempre volta para casa e mostra que trouxe em sua bagagem muitos sonhos que precisam ser realizados. Aqui estão presentes críticas, lugares e pessoas que são apagadas da história com a mesma facilidade com que se apaga um rascunho feito a lápis.

Leila Leite



Clei Souza

**Contos
Selecionados**

1ª Edição

**Editora Gato Ed
Belém-Pará
2023**

Capa: Leila Leite
Fotografia de capa: Clei Souza
Diagramação: Leila Leite
Edição: Leila Leite
Texto: Clei Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S729 Souza, Clei.
Contos selecionados [recurso eletrônico] / Clei Souza.
— 1. ed. — Belém : Gato Ed, 2023.
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-5854-334-3

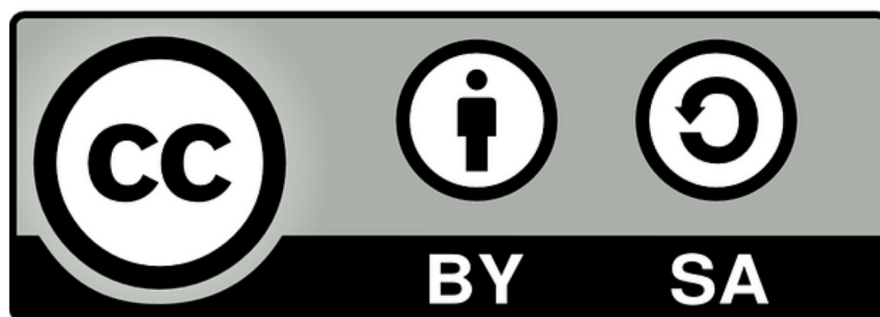
1. Contos brasileiros. 2. Literatura brasileira.
I. Título.

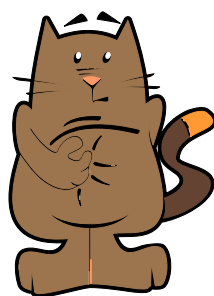
CDD23: B869.03

Este livro é disponibilizado de forma gratuita em seu formato e-book no site da Editora Gato Ed.



E-BOOK GRATUITO





APOIO

**Apoie o trabalho da Editora e do
Instituto Gato Ed**

**Faça uma doação de qualquer valor
Pix: leilaleiteferreira@gmail.com**

Um ponto

Um ponto muito interessante em todos os contos aqui presentes são as personagens femininas. São mulheres vistas a partir do olhar de um homem e que são moldadas com forças e fraquezas que as levam a sobrevivência diante do medo e da morte. É preciso respirar fundo para entender o que cada uma delas passa, suas dificuldades, dores e dúvidas muito específicas, mas que são comuns a muitas mulheres espalhadas por todo o país.

O autor traz uma narrativa em primeira pessoa, personagens masculinas que de uma forma ou de outra se envolvem em histórias de mulheres, algumas conhecidas, outras distantes de sua realidade, algumas em presença física e outras em pensamentos e dúvidas.

A briga por terras, a exploração sexual, a miséria, as drogas, as torturas, são algumas das temáticas que vão fazer você conhecer um pouco mais sobre a literatura do poeta e escritor Clei Souza.

Boa leitura!

Leila Leite

E eu me voltei eu e vi toda a opressão
que é feita sob o sol
E eis o choro dos oprimidos
e não há para eles conforto
e da mão que os oprime força
e não há para eles conforto

E eu saúdo eu os mortos os que já morreram
Antes que aos vivos
a eles os inda-viventes

E melhor do que ambos
quem ainda não foi
Quem não viu os malfeitos
que se fazem sob o sol

E eu vi eu toda a fadiga
e todo o êxito da obra
pois aí ciúme do homem
contra rival-homem
Também isto é névoa-nada e fome-vento

(Eclesiastes transcrito por Haroldo de Campos)



EMBOSCADA

O sudeste e o sul do Pará muitas vezes aparecem nos noticiários policiais como um lugar de violência e mortes por questões de terra, mas também é um lugar onde muitos apostam no sonho de uma vida nova. Daí os nomes de muitos bairros ou cidades da região: Eldorado, Redenção, Canaã, Ourilândia, Liberdade, Novo Horizonte, Morada Nova e outros. Fica assim um contraste entre uma promessa de prosperidade e uma dura realidade de violência por causa da terra. E como muitos sonhadores, aquela pobre família chegara àquela cidade, sem nenhum teto. Foram seguindo pela longa estrada de piçarra e pedra, atravessando riachos com as poucas mudas de roupa na cabeça, até darem com uma guarita no meio da estrada, guarnecida por dois capangas armados. Indagados sobre aonde iriam e o porquê, ouviram que somente poderiam passar caso tivessem dinheiro pra montarem fazenda. E assim como eles, muitos foram impedidos de passar, e desses impedidos foi que a cidade aos poucos foi surgindo.

A família conseguiu um pequeno pedaço de terra, até então desprezado pelos grandes da região. Mas à medida que o trabalho no pequeno lote foi dando frutos, não demorou pra que a pequena terra que a família conseguiu fosse também cobiçada. Um dia o pai dirigia a velha caminhonete que comprara, acompanhado do filho, quando um problema mecânico os fez parar. Ele, maldizendo o negócio que havia feito com o antigo dono do carro, foi pra baixo do veículo pra achar o problema, mas foi o problema que o achou: um vazamento de óleo que o cobriu todo.



Quando levantou, amaldiçoando o óleo vazado, o ex-dono da caminhonete e a mãe deste, estava na mira de uma arma de um desconhecido. Estava pra acontecer mais um caso de execução de lavrador não punido e não julgado, mais um caso de filhos órfãos, mais um caso de viuvez precoce, mais um caso de família expulsa das terras... Mas a arma falhou. O atirador, sem tempo de maldizer o vendedor da arma ou a mãe deste, puxou logo uma faca, pra tentar terminar o serviço começado, pra que o mandante da execução não maldissesse a hora em que havia o contratado como pistoleiro. Mas o medo de morrer é sempre mais ágil que a coragem de matar, não conseguindo por isso ele desfechar nenhum golpe na vítima, que se esquivava mais que gato. Rapidamente pensou ele que o único modo de acertá-lo fatalmente seria segurando-o. No entanto, a vítima, besuntada da cabeça aos pés com o óleo vazado, agora bendito aos olhos do motorista, e amaldiçoado pro pistoleiro, lhe escapulia a todo momento como sabão, não sendo possível desferir nenhum golpe certo. O filho, que até então se mantivera estático de medo, vendo o pai em apuros e sem o perigo da arma de fogo, aproximou-se por traz do agressor e desferiu um golpe certo de lenha na sua cabeça, que o desacordou. A proeza do primeiro homem a escapar de uma emboscada no lugar se espalhou na boca do povo, ora refeita, ora aumentada, ora misturada com outras histórias, mas sempre crescendo na cabeça de homens, mulheres e crianças. Mas a cada vez que ela era contada, mais ele ia deixando de ser homem pra ir se tornando um mito, ganhando a simpatia de uma população que tinha em comum casos de emboscadas nas suas famílias, e foi essa simpatia o que lhe valeu na última tentativa de execução.



O segundo executor contratado pra matá-lo investigou meticulosamente os hábitos da vítima. E por garantia testou a arma na mesma manhã em que iria executar o serviço. Descobriu que todas as manhãs o homem ia comprar pão à mesma padaria. O conhecido matador ficou sentado em um pequeno banco, desses improvisados com alguns pedaços de tábuas junto às plantas nas frentes das casas, esperando o alvo. Uma senhora, ao se aproximar da padaria, estranhou aquele homem sentado, em uma atitude um tanto suspeita, como a querer não ser percebido, quase escondido por trás dos arbustos. O rosto mirando o chão, sombreado pelo chapéu, de repente tornou-se reconhecível ao erguer-se, como a procurar alguém que deveria surgir no início da rua a qualquer momento.

Ela o reconheceu mesmo olhando-o apenas de relance. E no mesmo instante um calafrio tomou-lhe todo o corpo. Ele, por sua vez, não a identificou, voltando a abaixar o rosto pra não chamar muito a atenção. Aqueles que violentam, muitas vezes esquecem a violência cometida, mas os que sentiram a violência, dificilmente a apagam da memória. Enquanto, já no balcão, a mulher pedia dois pães, via repassar em sua cabeça aquele fatídico dia: o tiro ouvido da cozinha, a sua correria até a porta, pressentindo o pior, a imagem do marido morto em frente à casa, o sangue escorrendo e ensopando seu vestido ao agarrá-lo.

Enquanto ela gritava aos prantos, o café fervendo, que quase transbordava no fogão, deixou escorrer um filete como uma lágrima negra. Depois foi o luto e o ultimato pra que ela deixasse a terra. Nunca mais as manhãs cheirando a café e com gosto de pão quente; nunca mais a voz do marido elogiando o café e dizendo não se atrasar pro almoço.



Três anos passados e ainda não havia açúcar que adoçasse o café que todas as manhãs ela engolia friamente. Não havia fogo que esquentasse o pão que ela engolia solitária, agora na cozinha da pequena casa que ela comprara nesta cidade pra onde teve de se mudar pra não morrer. Todo esse tempo ela não conseguiu parar de enganar-se, pedindo sempre dois pães, apesar de mal conseguir engolir um. O café apenas pra ela sempre sobrava, esfriando apesar da garrafa térmica, enquanto o segundo pão ia juntar-se aos outros que em algum canto da cozinha estavam abandonados, criando bolor.

Aquele homem viera até ali ressuscitar a morte do marido. E o que era pior, ignorava-o, como se o mundo que ele destruíra não fosse nada. Com certeza estava ali pra destruir um outro mundo. Nesse momento sentiu que uma outra mulher, como ela, poderia ter os cafés da manhã, os almoços, os domingos, as noites assassinadas por aquele demônio. Sentiu que, pior, essa mulher poderia ter filhos, filhos que cresceriam órfãos, os filhos que ela não teve tempo de ter.

De repente, ela foi despertada pelo pequeno saco de pães, que o jovem atendente lhe estendia e que ela imediatamente pegou, deixando apressadamente o dinheiro sobre o balcão e retirando-se, sem olhar pro lado onde ela pressentia o assassino do seu companheiro.

Subiu a rua de volta com um aperto na alma, amassando os pães contra o peito. Ao dobrar a esquina, sentiu um alívio. Foi quando viu vir em sua direção, provavelmente rumo à padaria, o homem que havia escapado daquela emboscada certa. Seus olhos nesse instante tiveram uma súbita iluminação, e quase lhe escapou um sorriso ao ter um alumbramento: sua vingança viria não com a mesma moeda da morte, mas com preservação da vida.



Sim, impediria aquela outra morte. O assassino perderia a sua manhã esperando uma vítima que não viria. Ao menos não naquela manhã. Quando os dois estavam próximos, ela deixou cair o saco dos pães, que rolaram pelo chão de terra. Ele rapidamente abaixou-se pra pegá-los, ela também. Agachados os dois, ela sem mirá-lo nos olhos, enquanto recebia de suas mãos os pães misturados à terra, disse discretamente:

- O senhor não vá lá na padaria não que tem gente lhe esperando pra lhe fazer o mal.

Eles levantaram, e o homem, com um leve aceno de cabeça, lhe agradeceu, dando meia volta e sumindo em uma outra esquina, não sendo visto por uma semana. Ela, por sua vez, voltou pra casa. Logo que chegou, saboreou aqueles pães com o café fumegante que parecia ternamente doce em sua boca. Sua fome, que não sentira há três anos, era tanta que comeu os dois, sem se importar com os grãos de terra que vez em quando sentia entre os dentes.

A segunda fuga da morte alimentou mais ainda as histórias sobre corpo fechado, pactos sobrenaturais, anjos da guarda, o que acabou por levantar receios entre os assassinos profissionais da região, não encontrando, assim, o fazendeiro que cobiçava as terras quem tivesse coragem de matar o homem que sempre escapava da morte.



O EXILADO

Estamos no bar. O rosto da minha amiga na cadeira ao lado tem um ar sépia e um silêncio frenético de atriz de cinema mudo, com uma angústia sem um porquê, ou com um emaranhado de porquês tão complicado que parece impossível desfazê-lo. Pergunto se está acontecendo alguma coisa, ela me meneia a cabeça dizendo que não, mas eu sinto que está. Lembro das notícias do jornal do meio dia: mais um crime juvenil, mais crianças imoladas, mais tráfico de meninas. O apresentador na tv, como um regente de uma arena romana, indignado pede cabeças e sangue (ele é o mesmo que eu vi outro dia aqui na beira do rio cercado de meninas menores de idade), e todo esse espetáculo enquanto mastigamos o almoço. Eu sinto e vejo o que está acontecendo, mas isso é o mais escroto; está acontecendo tudo, mas agimos como se não estivesse.

Enquanto encho o meu copo, essas coisas vêm vindo na minha cabeça devagar como uma enchente amazônica, e quando eu vejo, já estão transbordando em mim, como a espuma da cerveja pela mesa. Prometo a mim e à amiga que essa noite não falaremos disso de novo. É quando a cunhãzinha aparece pela primeira vez. O passo hesitante na rua da orla. Parece uma menina vestindo um corpo de mulher tamanho P. O excesso de maquiagem tentando encobrir qualquer vestígio de infância. Fica parecendo algo do tipo já não mais menina, mas com certeza ainda não mulher. A amiga percebe meu olhar e me lança, por entre a fumaça do cigarro, um sorriso vermelho de Jack



Nicholson no papel do coringa, mas de um jeito mais discreto, sabendo que seria impossível cumprir minha promessa e impedir de começar mais uma enchente na minha cabeça. Maldita hora em que fui dizer a ela que essas meninas da beira do rio me lembram a minha filha. A amiga grita pro balcão: **EI, ROSE, UMA CERVEJA!**

Enquanto esperamos a cerveja, vejo-a pela segunda vez. Leio a cena em plano conjunto, agora com a inclusão de um marinheiro gringo gigante, que se coloca ao lado da pequena cunhã. É um par disforme e contrastante na orla. Ela fazendo-o parecer maior e mais branco e ele devolvendo-a à sua infância morena, apesar do pó da maquiagem. Meu olhar atravessa por entre os dois rumo ao fundo da cena, alcançando o navio ancorado, com bandeira europeia.

CORTE

Close na minha amiga, com o cigarro nervoso entre os dedos, reclamando do Rose, o dono do boteco: **ESSE CARA É UM OGRO NA HORA DE ATENDER A GENTE;** discordo. Eu gosto disso, ao menos ele não tenta disfarçar a realidade como nesses bares em que colocam menininhas bonitinhas, de coxinhas grossas, bundinha empinada, com sua máscara de maquiagem conservada pelo ar condicionado pra que o mundo pareça melhor. Aqui estamos derretendo em meio ao mormaço da noite equatorial. E pra piorar, estamos de preto, o luto constante. Até mesmo o bar é todo preto, com uma caveira desenhada na frente, pra confirmar a nossa mortalha. Aqui ninguém se engana. O cigarro dançando nervoso entre os dedos da amiga faz dela mais uma vez uma atriz de



cinema mudo. Depois de depositar o copo vazio sobre a mesa e de fitá-lo, ela me diz que o mundo lhe dá sede, por isso ela bebe, mas diz também que não adianta dizer que cerveja não hidrata, que só água dá jeito, porque a sede que ela sente não é de água, é de alguma outra coisa que ela não sabe dizer. Meu olhar volta de novo ao navio de onde viera o marinheiro, e um zoom irresistível vai arrastando meu olhar até aquela bandeira. Ela me lembra dos livros que li. Carvajal, Acuña, La Condamine, etc. E eu me sinto arrastado por quinhentos anos em cinco segundos. Vão se misturando nos meus pensamentos aldeias incendiadas e saqueadas, crianças mortas, mulheres estupradas, escravizadas. Mais de dez milhões de assassinados vão se apertando, disputando espaço na minha cabeça. A amiga me traz de volta ao boteco à beira desse rio, tocando em meu ombro e me avisando que está tocando a minha música. O refrão Last Night I Dreamt That Somebody Loved Me se espalhando no vento morno da beira do rio me faz sentir que sonhar ser amado ou até sofrer por amor já é um privilégio. O gringo e a cunhazinha me vêm à mente. Vou sentindo que por baixo dessa triste canção estão enterrados milhões de ossos.

Olho pro rosto carregado de maquiagem da cunhazinha e sinto que não somos mais os índios que aqui moravam, mas que também não somos os brancos que aqui invadiram. Nem um nem outro. Eternos estrangeiros de nós mesmos.



CORTE

É a amiga novamente: EI, ROSE, TRAZ OUTRA, MAS, POR FAVOR, QUERIDO, TRAZ UMA GELADA, PORQUE EU POSSO SUPORTAR TODAS AS DORES DO MUNDO, MENOS CERVEJA QUENTE.

O gigante branco e a cunhazinha sumiram. Minha filha estará dormindo uma hora dessas? E sonha agora com quem? A canção em inglês vai dizendo Last night I felt Real arms around me/ No hope, no harm Just another false alarm. Com tempo parece que tudo vai virando alarme falso. Eu olho pro escuro do rio e o silêncio dele é o de uma esfinge estranha, que nem ao mesmo nos dá o privilégio de um enigma. A água barrenta dele nunca refletiu direito meu rosto; a sensação de me sentir um estrangeiro no meu próprio lugar vai me tomando mais ainda. Talvez seja o efeito da cerveja de nome alemão, ou do rock inglês, ou da fumaça do cigarro com nome estadunidense que a amiga sopra na minha direção, ou a soma de tudo isso.

PLANO DETALHE

A amiga me fita com um olhar branco saindo de dentro do preto carregado do lápis de olho, e a sede dela a faz me perguntar sobre a morte. Não, querida, não vale à pena morrer, porque não somos o poeta lorde inglês que combateu na Grécia. Se morreres, serás apenas mais uma brasileira pobre morta, deleite de



página policial; morte sem flor vermelha; morte sem morte; cicuta já sem gosto. Ela me fala da história de uma tribo que existiu aqui onde hoje é a cidade, quando os primeiros gringos chegaram. Toda a tribo cometeu suicídio coletivo pra não ser escravizada. Ela me diz que é por isso que tem tanto suicídio por aqui. É a maldição dos índios. Eles se mataram pra não se renderem ao inimigo. Então, eu indago: mas e agora que os inimigos parecem morar em nós? Chego à conclusão de que é pra matá-los que a gente vai se suicidando aos poucos nos bares. Por isso a cidade tem tantos.

Os dois personagens reaparecem. Agora junto a ela e ao gigante marinho aparece aquele cara. Ele sempre surge quando os navios estrangeiros cheios de homens que passam meses no mar sem ver mulher aportam por aqui. Ele sempre vai discretamente se aproximando das mesas dos bares da orla com um sorriso no canto da boca e a amabilidade de um anfitrião, oferecendo carne nova e quartos nos hotéis. Quando tudo está acertado, ele deixa a chave do hotel em cima da mesa. Tudo é feito de maneira discreta. O gigante e o cara apertam as mãos, como o dono do açougue e o seu cliente satisfeito.

CORTE.

A amiga me traz de novo pro bar. Volta a me falar da morte. Me diz que tem medo de morrer de uma terçadada, de que lhe tirem um pedaço, feito posta de peixe. É quando passa por nós uma gangue de garotos. Quando a madeira começou a escassear aqui na região, depois que tudo foi desmatado, começou a faltar trabalho e a sobrar muitas serras que logo viraram grandes terçados, aumentando a criminalidade. Nesses tempos de escassez, armas de fogo pra criminosos são um privilégio. Eu digo que se alguém viesse me matar, queria que fosse ao menos de tiro. Seria como um paciente e seu médico. Ele viria com



a arma apontada e, depois de me mandar levantar os braços, diria: onde dói, meu filho? Eu abaixaria um dos braços e apontaria com o dedo trêmulo o coração: aqui, doutor. Daí seria só mais um movimento de gatilho e um estrondo, e o mundo iria entrando rapidamente em off. Não, não seria assim. A vida não é cinema... Não tem fundo musical.

Na canção inglesa que agora vem do fundo do bar alguém pede pra ser levado pra passear esta noite, alguém que não tem mais casa. É a minha deixa pra ir embora. Me despeço da amiga que me esperará amanhã novamente com seus olhos emoldurados pelo preto carregado do lápis. No fim ela abre o seu sorriso de coringa ameno e diz: VAI, ANTES QUE TU NAUFRAGUES NA TUA TEMPESTADE. E me consola: FALTAM POUCOS DIAS PRA VOLTARES PRA ELA. AGUENTA. ELA TÁ BEM.

Me levanto, ligo o player do telefone, e escolho a trilha sonora. A letra da canção triste vai dizendo “ANDANDO ENTRE CACOS...” então vou andando tentando desenhar na rua uma linha reta que teima em querer oscilar de um lado pro outro. Me esforço, o torto querendo ser reto. Será o reto que é torto ou é esse torto que na verdade é o reto? Me concentro no caminho, mas as motos e os carros que passam por mim tiram minha atenção. Me vem à cabeça um pensamento estranho, como só é possível sair da cidade pelo rio, as ruas são



poucas e não muito longas. Então os veículos ficam dando várias voltas pelos mesmos lugares durante a noite, como feras arrancadas ao seu habitat natural, e que nervosas ficam dando voltas pelo pouco espaço da jaula. Por entre o barulho dos motores, meus pés em plongeé vão navegando sobre o chão incerto. Tento manter a rota, um pé após o outro, um pé após o outro, um pé após o outro... A tempestade prevista pela amiga chega ao seu clímax: agora na minha cabeça o navio estrangeiro vai dançando e a bandeira europeia vai tremulando, espalhando dez milhões de mortos por todos os lados. Pra tentar me acalmar levanto a cabeça pra olhar o céu. Nenhuma estrela, e é quando vejo que vai se aproximando o gigante, indo ao encontro da tapuiazinha que já deve estar à sua espera lá no quarto do hotel barato. Nossos olhares se cruzam e me vem pela segunda vez o estranho sentimento de impotência e de exílio. A letra da canção complementa a atmosfera “ME SINTO EM PEDAÇOS”... Sim, me sinto em pedaços, em cacos, como diz a voz triste do vocalista. Em pedaços por estar aqui em uma cidade que tem o nome de algum outro lugar bem distante daqui, dado por algum estrangeiro; por estar entre carros e motos exilados entre rios, entre meninas exiladas de suas infâncias, negociadas como carne de açougue barato. Os índios suicidados parecem se agrupar em silêncio ao meu lado, me fazendo companhia. Está na hora de entrar. Amanhã é



domingo, não tem trabalho. Ao menos um dia de trégua pra enterrarmos nossos mortos e juntarmos e remontarmos nossos cacós. Num último olhar, vejo o gringo entrando no hotel em frente. “CHEGO EM CASA TARDE\ E NINGUÉM ME VÊ”. Sim, Chego ao meu quarto e me afundo na sua penumbra. Me tranco e logo me deito. Fecho os olhos e vou me esforçando em pensar que a amiga voltará pra casa sem pensar na morte, matando sua sede com um simples e claro copo d’água; que aquele marinheiro é um homem carinhoso que veio atrás de um grande amor, e que ela, a cunhãzinha, será feliz; que minha filha vai crescer em um mundo melhor e que está pensando em mim agora. Após inventar essas histórias em que amanhã eu sei que vou desacreditar, o sono vem devagar, como a vazante que vai aos poucos deixando a terra afogada respirar. A tempestade vai cessando e a cena vai se fechando em um círculo preto, como num filme antigo. Mas fica ainda na escuridão do quarto uma multidão de índios suicidados.... Enquanto a música parece que vai morrendo, NÃO HÁ NADA ERRADO EM NÃO SABER O QUE FAZER...



DUPLO MORTO

Estava sentado em frente de casa, olhando o movimento da rua. E esta era agora a minha grande viagem, ficar parado. Na física já se afirmou que dependendo do referencial, um corpo pode estar em movimento mesmo se estando aparentemente em repouso. Era um pouco isso que eu sentia, eu ali sentado executava um movimento de perceber o mundo, e era também um desejo de ver as coisas mais de perto, em seus detalhes, em seus matizes. Estar trabalhando a cada semana em um município diferente havia me dado um ritmo de percepção das coisas como se elas estivessem sempre em veloz passagem. Os terminais, os portos e os aeroportos eram como corações gigantes a bombear sem parar pessoas para todos os lugares, chegando e partindo. Nesses lugares eu me sentia uma minúscula semente de trepadeira que o vento vai levando de árvore em árvore e que não tem tempo de agarrar-se a nenhuma, para melhor conhecê-la.

Nessas viagens, tinha a noção de que há outras falas, outras vozes, outras histórias, outros rostos além da minha cidade. E o que é mais interessante, também tomava conhecimento de que existiam pessoas que de algum modo pareciam com alguém da minha cidade. E o que é mais interessante, via pessoas me perguntarem se eu conhecia fulano. Quando respondia não, ouvia que eu era muito parecido com ele. Como estava em uma região em que era comum a pistolagem e os acertados de conta, perguntava logo brincando se ele não devia nada a alguém ou estava jurado de morte. Embora perguntasse em tom de brincadeira, por via das dúvidas havia adquirido aquele hábito de nunca



sentar de costas para a porta em lugares públicos. Com o tempo comecei a comparar pessoas que encontrava não só com as da minha cidade, mas também com as das outras cidades que havia conhecido. E assim foram se dando as tantas viagens, confundindo cores e rostos e nomes, às vezes até já não se lembrando de onde havia conhecido algo daquela pessoa. Naquela confusão, logo estaria de novo na estrada, ou no céu ou no rio, sem tempo de processar a familiaridade de olhos, bocas, vozes, rostos, cabelos, ou qualquer outra coisa familiar.

Por isso era bom estar ali sentado, vendo as pessoas que me reconheciam por todas as minhas partes do corpo e pelo meu nome e que eu reconhecia também por partes do corpo e pelo nome. Vê-las passando para o trabalho, para a escola, vendo um pouco de cabelo branco a mais que aparecia em alguém, uns seios ou uma barba que iam surgindo em que vira andar quase nu de velocípede pela rua. Isso me dava a consciência de que as próprias pessoas em seus corpos viajavam sem o saber, mas não no espaço e sim no tempo. Mesmo deixando sinais do antigo corpo, era já um outro que começava a habitar aquela pessoa, era a mesma e antiga pessoa e já outra que morava naquele corpo. Até mesmo a rua viajava no tempo: uma obra que modificava a feição de uma casa, uma pintura. Mais tarde viria até o primeiro condomínio vertical, talvez resultado dos primeiros assaltos.

Eu estava naquele fim de tarde, sentado, lendo, naquela viagem machadiana de conhecer o mundo, os tempos e espaços sem sair da sua cidade, no meu caso mais radical, sem sair da minha rua, sem sair da minha cadeira, e ouvindo The doors, já aliviado por aquela frase *peop ter mais uma força tão intimidadora* como tinha durante minhas viagens. Já não era estranho nem



nem estrangeiro. Estava em casa. E vendo, como um pintor impressionista, a luz modificar lentamente a paisagem, o céu, as paredes, as peles, os rostos, na sua harmoniosa coreografia de luz. Quando o sol se pôs, por trás dos açazeiros da casa em frente, eu entrei, pra corrigir umas avaliações, fazer relatórios, e outros procedimentos relacionados à última viagem. Quando começava a olhar os nomes na lista de chamada, lembrava-se dos rostos sob as assinaturas e também das histórias. Tanta vida sendo transformada em números, em pontos. Foi quando ouvi alguém bater à minha porta. Talvez a notícia da minha chegada já tivesse alcançado algum amigo, algum parente. Foi quando, abrindo a porta, eu a vi. Já a havia visto antes, mas muito poucas vezes na rua. Morava umas três casas após a casa em frente da minha. Era muito reclusa. Parecia querer um isolamento ou um exílio voluntário. A feição sempre cabisbaixa. Nunca soube o seu nome, como não o saberia após o nosso encontro.

Estava ela agora surpreendentemente diante de mim. Os cabelos outrora loiros, agora já totalmente brancos, os brancos braços caídos e engelhados que saiam do longo vestido em forma de bata aliados ao silencioso olhar que me perscrutava com o seu azul me deram a impressão novamente de estranhamento. Aquele azul que eu percebia naquele momento parecia ser a única juventude que restara naquela senhora. Como se algo que ela visse e eu não, o iluminasse. Ficamos ali na porta durante uns infinitos segundos nos olhando, nos inquirindo. Eu sem saber o que perguntar, o que dizer à mulher. De repente, ela abriu os braços, ao mesmo tempo em que os olhos começaram a ficar mareados, em seguida aquele silêncio cheio de perguntas se quebrou:



- Meu rapaz, desculpa o incômodo, mas é que você é igualzinho ao meu filho que mataram lá em Ourilândia do Norte. Olho pra você lá da minha casa quando você passa e é como se eu estivesse vendo ele próprio, até o jeito de andar é igual. Por favor, deixa eu te dar um abraço.

Diante daquele pedido cheio de lágrimas que traziam a dor das histórias que ouvira, inclusive na própria Ourilândia, não havia o que fazer senão assentir no abraço. Ela me abraçou com força enquanto empapava minha camisa dizendo “meu filho, meu filho”. Ficamos nisso uns três minutos também infinitos. Nesse momento não me sentia eu. Imaginava emboscadas, questões de terra, traições por dinheiro, imaginava que poderia ter sido reconhecido lá em Ourilândia como o filho morto que retornava e que poderia ter sido morto pela segunda vez, ou que faria alguém correr assombrado. Foi quando nosso abraço foi interrompido por uma mulher, talvez a irmã do morto. Ela me olhou com um olhar de triste agradecimento enquanto conduzia a senhora de volta à casa, envolta nos seus braços, enquanto a mãe repetia já quase sussurrando “meu filho, meu filho, meu filho. Porque fizeram isso com ele? Porque fizeram isso comigo?...”. Naquela hora senti aquela morte pesando naquele amor de mãe. A força do abraço daquela senhora já bastante idosa fora maior do que o abraço que minha mãe dava ao me reencontrar, talvez porque esta sempre reencontrava o filho vivo, e aquela senhora por um instante havia reencontrado o filho perdido, que nunca iria mais reencontrar.



OS ESTRANHOS

Era mais uma viagem a uma dessas cidadezinhas interioranas, um lugar que havia surgido nos tempos em que o rio era a estrada. Mas agora que o homem havia aprendido a fazer suas próprias estradas, o rio perdera sua importância comercial, e o município que ficava às suas margens viu sua importância aos poucos secar. Ao menos fora essa a impressão após algumas conversas com funcionários e alunos daquele lugar a que fora trabalhar como professor da universidade. O campus era uma espécie de âncora da cidade com a modernidade, o modo de a cidade não ficar à margem do presente. Durante o dia insulava-me no trabalho, chegava mesmo a esquecer que estava longe de casa, mas o problema eram as horas de ócio, quando já não há mais o que fazer, quando a cabeça já não aguenta ler e as mãos já não conseguem escrever mais nada. O pior é quando chegava a meia-noite. O sono não vinha e a TV desgraçadamente saía do ar. O chiado da TV parecia a grande porta do mundo trancada e sem chave sem ninguém que a abrisse por mais que você batesse desesperadamente.

Numa dessas noites negras e quase desertas, de um silêncio ensurdecedor, não aguentei ficar até que o sinal saísse do ar. Mesmo não conhecendo o lugar o suficiente, decidi me arriscar naquela sexta-feira soturna. Na penumbra da rua, alguns poucos vultos distantes se esboçavam, acordando a curiosidade e o medo. Algo me dizia que o sono não viria tão cedo, era preciso uma cerveja pra acalmar o espírito daquela angústia sem nome. O boteco ficava do outro lado da autoestrada. Enquanto caminhava, um tanto vacilante, tentava me convencer de que nada me aconteceria.



O lugar estava vazio. O atendente não tinha palavras. Desafiava as leis do comércio e se escondia lacônico atrás do bigode. Pedi uma cerveja e escolhi uma mesa à beira da pista, olhando o escuro que começava logo ali no limite da cidade. Algum carro ou carreta vez por outra cortava o vazio com o grunhido dos motores passando rumo ao sul, Goiás, Brasília ou outro inferno urbano qualquer. Os meus ouvidos atentos à estrada bebiam aquela monocórdica melodia metálica. Até não poderem mais, meus olhos se agarravam àquelas linhas de luz que os faróis deixavam, como se quisessem ser arrastados dali. Nos longos intervalos entre um carro e outro, passeava a vista pela paisagem. As casas dormiam, o vento sonambulava. As horas pareciam paradas. Na cabeça o refrão de Jim Morrison: pessoas são estranhas... Pessoas são estranhas... Pessoas são estranhas... Foi quando ela apareceu, na quinta cerveja. Os dentes carcomidos de nicotina, a perna esquerda inchada e enfaixada com uma atadura já encardida, um rosto também inchado e decrépito, a roupa colada, que um dia fora clara, mal ajustada ao corpo obeso. Pedi licença pra sentar e antes que eu pudesse esboçar qualquer tipo de reação, já estava instalada na minha frente.

A princípio a repulsa me impedia de pensar em alguma coisa, mas logo a sua visão, semelhante à visão dos párias que nos abordam nos bares das grandes cidades, me deu a impressão de estar ainda na cidade grande. Lá estávamos ela e eu, dois indivíduos deslocados daquele sossego, cada um arrastando consigo a sua angústia. Fitou-me com um sorriso desses que têm os saltimbancos bêbados quando nos encaram com um olhar brilhante que no fundo é de escárnio.



Começou sua abordagem: não estava ali porque queria, a vida a havia levado até ali. Dizia não ter culpa do seu vício, era dependente, etc. Notei o cigarro adunco em sua mão esquerda que tremia sem parar. O cigarro ia se desfazendo em cinza, parecia que as cinzas consumiriam também o filtro, a mão, o braço e todo o resto. Me pediu dinheiro, mas eu contra-ataquei que só tinha praquelas cervejas, e desgraçadamente era verdade. Tivesse dinheiro sobrando, teria economizado o seu teatro. Demorou-se mais um pouco com o olhar inquiridor. Mudou de estratégia e jogou mais pesado: era alguém que só ajudava aos outros, mas todo dia era estuprada, rasgada, espancada, etc. Mas qualquer mentira do tipo dita por ela, com aquela aparência, seria digna de ser acreditada. Por fim, me pediu um copo de cerveja. Pra que ela parasse o bombardeio, enchi todo o meu último copo. Fosse Cristo, faria o milagre da multiplicação. Ela deu um último gole, regando com um cuidado quase religioso, como se fosse o cálice sagrado. E era, o cálice da velha e efêmera aliança que a noite proporciona. Sem dizer-lhe nada, paguei a bebida e fui dali pra casa cambaleando um pouco. O sono começava dar sinais de estar vindo. Aquela mulher com sua angústia tão urbana também destoava daquele sossego. Naquela noite de sexta soturna e negra fui dormir com o consolo de que, à beira daquela autoestrada, se eu estava sozinho, ao menos minha angústia não estava.



CONFISSÃO

Uma garota desacordada, com rosto machucado, sangrando e com a camisa rasgada, é arrastada por dois homens em um corredor pra um quarto escuro no segundo andar da casa. Eles a colocam sob uma fraca lâmpada que ilumina somente a cadeira em que eles a põem amarrada. Um dos homens joga água no rosto da garota para que ela acorde. Mesmo ainda tonta e com os olhos inchados, ela levanta a cabeça e encara os dois homens com os rostos escondidos na escuridão. Enquanto isso, já próximo dali, no meio da noite chuvosa, um carro segue na rua solitária. Os vidros embaçados fazem com que o motorista fique menos atento à paisagem suburbana que via passando. São outras imagens que prendem sua atenção enquanto dirige, cenas que vão passando dentro da sua cabeça. Seu olhar é fixo e compenetrado. Para tentar embaçar as imagens que insistem em passar dentro dele, liga o rádio. A voz do locutor no rádio toma todo o ambiente do veículo:

-Acabamos de ouvir o grande Cartola, um dos grandes nomes da música legitimamente brasileira, o samba. A composição foi a consagrada O mundo é um moinho, que eu dedico ao meu velho e querido pai, nessa véspera de dias dos pais. E por falar em pais, vamos agora falar de um assunto sério.



Temos informações de que a polícia ontem desbaratou um encontro clandestino de estudantes universitários subversivos. Aí eu pergunto a você meu caro espectador, cadê os pais desses estudantes? Que podem ser tudo, menos estudantes!! Se fossem estudantes estariam na sala de aula ES-TU-DAN-DO! O pai de um vagabundo desse deve tá trabalhando enquanto o vida mansa fica fumando maconha, lendo livro de comunista e ouvindo mentiras subversivas desses terroristas que querem fazer a nossa bandeira ficar vermelha! Sim, minha gente. É isso mesmo. Esses vagabundos andam por aí de cabelo grande, ouvindo essa porcaria de rock e, o que é pior, e essa tal de MPB que só junta subversivo comunista, e ficam se chamando de transviados. Transviado é o cacete! Depois o moleque vira viado e a menina, vagabunda ou sapatão e o pai se pergunta o por quê. Sabe o que é isso tudo, minha gente? Falta de porrada! Falta de cacete! Pra acabar com essa pouca vergonha que vem contaminando a juventude do país. Atenção pais! Vejam onde estão seus filhos! Vejam onde estão os seus filhos. Eu lhes peço em nome de Deus, da pátria e da família. Boa noite, vamos agora pra mais uma música e parabéns a você, pai. Você que é pai de verdade; que sabe ensinar os verdadeiros valores aos seus filhos. Amanhã é o seu dia e...Clic. O Homem desliga o rádio, para o carro, e fica um minuto olhando uma antiga e manchada foto pregada próximo ao volante.



Lá em cima, no quarto escuro, os dois homens reiniciam a tortura à garota. Enquanto isso, o homem que saíra do carro, abre a porta e vai subindo a escada que leva ao quarto. Enquanto sobe lentamente, ele consegue ouvir, ainda que baixo, vindo do quarto, as vozes dos homens:

--Fala, porra! Não cansou de apanhar?

O homem que faz a pergunta desfere um tapa tão forte que pode ser ouvido pelo homem que está subindo lentamente as escadas, agora com sua arma em punho. Ele ainda consegue ouvir mais uma vez, uma ordem seguida de outro estrondoso tapa:

-Umbora porra, é a tua última chance!

A pergunta agora é feita pelo outro homem que também lhe desfere um tapa.

-Não tem jeito. Essa aí, pelo jeito, não vai abrir o bico. Fala o seu parceiro. Acho que o jeito vai ser mesmo dar um sumiço nela. Escuta moleca, tu não tá vendo que a tua única saída é contar onde os outros tão escondidos? O outro homem completa a ameaça:

-Fala logo porque a nossa paciência já tá acabando! Vamos perguntar só mais uma vez. Ou tu fala ou tu vai se encontrar com os outros que já foram pro inferno!..

A ameaça é interrompida por um barulho de alguém que bate na porta do quarto. Os dois homens se olham. Um faz sinal para o outro para que vá ver quem é que está batendo. O homem saca a arma e vai andando com cautela até a porta, abrindo-a:



- Ah, é tu?! Mas o chefe disse que hoje era o dia do Pereira.

O outro também chega junto à porta para ver quem é, ouvindo uma resposta vindo de fora do quarto:

- Pois é, ele foi chamado pra uma outra missão, e tá incomunicável. O chefe me mandou no lugar dele. Se quiser pode ir lá no quartel confirmar.

Os dois se olham e fazem com a cabeça um sinal de concordância:

- Tudo bem...Tudo certo... Vai logo acabar com isso que a gente já quer ir pra casa aproveitar que amanhã é dia dos pais, e daqui a pouco tem o jogo da final. E eu até já comprei a cerveja pra acompanhar esse jogo:

- Ó, não queria acabar com a alegria de vocês não, mas acho vocês vão ter que esperar um pouco mais, porque mandaram eu dar uma chance pra ela. Quinze minutos, se não der jeito, aí é pra eu fazer o serviço de sempre.

Os dois homens se olham espantados:

-O quê? Tu vais dar quinze minutos? É sério?

-Isso pra mim é novidade.

-Se fosse o Pereira até que a gente não estranhava, mas tu...tá bom, então.Vá lá. Vamos ficar aqui fora esperando.

Os dois saem e o homem entra no cômodo onde está a menina. Ele caminha lentamente até ela. Dá uma volta em torno, enquanto ela está de cabeça baixa. Ele olha seu estado: a camisa rasgada e o rosto machucado, sangrando. Para em frente a ela e fica algum tempo olhando-a, até que fala:



- Muito bem. Escuta, moça, eu vou fazer uma coisa que eu nunca fiz... Vou te dar uma chance de falar onde tão os outros. Aqueles dois lá fora queriam que eu te apagasse já agora pra dar tempo de eles verem o jogo. Estão cansados de perder tempo com você.

A garota continua de cabeça baixa, sem esboçar nenhuma reação. Há entre os dois um breve silêncio. O homem tenta chamar a atenção da garota:

-A moça parece bem corajosa. Pelo visto, não tem medo de morrer. E pelo estado em que aqueles dois te deixaram, também deve aguentar porrada. Mas fique a moça sabendo que eu já fiz gente mais forte falar, e já fiz gente bem mais forte chorar pra não morrer.

Ele olha pro relógio de pulso e olha a garota, que continua de cabeça baixa em silêncio:

- Não vai mesmo falar não é?...Eu já esperava por isso. No começo é sempre assim. Mas olha só. Eu quero fazer uma aposta contigo. Quer ver como eu faço você falar?

A menina com o olhar fixo no chão se mantém em silêncio. O homem volta à carga:

- Sabia que eu sei coisas de você. Sei, por exemplo, que você parece sua mãe...
- Se veio pra me matar, por que não me mata logo? E me livra desse teu papo furado. Diz a garota, sem levantar o rosto.



O seu interlocutor esboça um sorriso ao saber que conseguiu com que ela falasse:

- Tá vendo, já estamos evoluindo. Já consegui fazer você falar alguma coisa. Falta agora só falar o que eu quero.

- Eu já disse. Me mata e acaba logo com isso! E me livra desse teu papo furado.

-Calma, sei que no fundo você não quer isso. Como eu disse, eu sei coisas de você.... Tá vendo?! Eu sabia que se eu falasse da tua mãe, você não aguentaria ficar de bico fechado. E, como eu disse, você parece a sua mãe. Mulher destemida...opiniosa... Talvez por isso ela tenha terminado sozinha, sem marido e você vá terminar sem ter tido pai.

Nesse momento o homem é varado por um olhar de ódio:

- Não fala da minha mãe, seu canalha! Não me admira um carrasco achar que mulher tem que ser submissa a homem. Me faz o favor de acabar logo com isso. Minha mãe nunca precisou de homem nenhum pra se sustentar e me criar. E só pra que tu saibas, eu tenho pai, apenas ele...

- Morreu.. morreu lutando. Que bonito...Eu também sei disso. Eu disse que sabia coisas de você. Sei também que eles se conheceram na universidade. E sei mais ainda. Sei que o teu pai cantava Cartola pra ela:



- Como você sabe disso? Como você sabe disso? Ela me disse que só tinha contado sobre o Cartola pra mim. Fala, seu porco! Foi você que matou meu pai, não foi? Fala seu canalha!

- Esse é o meu trabalho, moça, saber coisas. E por falar em saber, vamos fazer um acordo? Você me faz saber onde tãõ os outros e eu te conto quem me contou essas coisas e muitas outras que eu sei de você.

- NUNCA! Prefiro morrer a ser uma traidora.

- Certo...Certo...Mas calma, não precisa ficar nervosa. Traidora é uma palavra muito feia. De um jeito ou de outro a gente vai pegar eles. Além do mais, eles também não iam querer ser os culpados pela sua morte. Você não vai ser a primeira nem a última. Eles vão ver suas feridas. Vão perceber o quanto você aguentou antes de falar. Prometo até que a gente não vai machucar eles. A gente só quer fazer umas perguntas, conseguir umas informações, uns nomes. Saber quem é que anda enganando vocês com essa doutrinação comunista.

- Ninguém tem culpa do que vai acontecer comigo, além de vocês, bando de assassinos. Eu assumo o ônus da minha escolha. Eu já bem grande pra ser enganada. Tu achas mesmo que vou acreditar nas mentiras de vocês?

Ao ouvir isso o homem assume um tom mais ríspido:

- Escolha? Você ainda nem nasceu direito pra falar em escolha, moleca. Pensa que vai mudar o mundo? É mesmo igualzinha à tua mãe... Ainda nem tem pentelho direito e já acha que é heroína.



Percebendo que a moça voltaria ao silêncio, e após olhar o relógio, ele cantarola:

- “Ainda é cedo, amor. Mal começaste a conhecer a vida...”.

- Para com isso, seu porco!!

- Eu paro, se você me disser onde tão os outros. Anda menina, fala logo. Se disser, vai ter a chance de viver mais, aí então vai ter tempo pra mudar de opinião. Vai saber que não adianta tanta luta. No fim todo mundo se vende. Sua mãe apenas foi uma exceção que confirma a regra. E o teu pai, se tivesse vivido mais, quem sabe não taria do outro lado hoje.

- Já te disse pra não falar do meu pai nem da minha mãe!

- Em pouco tempo não serás mais o que és...

- Para com isso, seu porco!!! Fala só por ti!

Ela sente mais um tapa contra o seu rosto:

- Mais respeito, moleca! Mais respeito! Parece que a tua mãe não te ensinou isso.

- Minha mãe me ensinou a respeitar gente, não um calhorda assassino do teu tipo.

O homem olha mais uma vez o relógio, e olha pra porta. Tira a arma da cintura e aponta para a garota:



- Acabou a brincadeira. Eu tentei ser gentil, mas vocês comunas só vão na porrada mesmo. Abre logo esse bico. Cadê os outros?

- Atira! Atira, seu covarde! Você é tão insignificante que precisa de uma arma, precisa matar pra ganhar a vida! Não pode se fazer respeitar pelo que é, porque o que tu és é pau mandado assassino!

- Eu só faço o que me mandam! E você acha que não é manobra por esses comunistas? No futuro vai haver quem nas suas orações agradeça pelo trabalho sujo que eu tive a coragem de fazer. E vocês é que vão continuar sendo chamados de terroristas. Mas quer saber de uma coisa? No fim vocês não são diferentes da gente. Isso é uma guerra, se você ainda não percebeu.

- Trabalho? Desde quando matar estudante é trabalho? Quanto às rezas que vão fazer, isso não limpa tuas mãos. Muitos alemães também rezavam pelo Hitler. Quanto a isso ser uma guerra, eu já sabia, por isso tô preparada pra morrer.

O homem impacienta-se e segura a garota pelos cabelos:

- Escuta aqui menina. Vou ter dar mais uma lição. Não importa a cor, vermelho, branco, verde ou amarelo. Lá no poder, eles são todos iguais e a gente aqui só obedece e se equilibra em cima da onda. Quem vai contra a correnteza vira comida de peixe.

A garota cospe no rosto de seu agressor. Ele dá um passo pra trás e lentamente vai limpando o rosto com o braço que empunha a arma:



- É verdade. A moça que morrer mesmo. Mas eu não vou te dar esse prazer ainda. Antes vais me ouvir cantar e te dizer;

- Ouça-me bem amor, preste atenção o mundo é um moinho, vai triturar teus sonhos tão mesquinhos, vai reduzir as ilusões a pó...

- Eu já mandei parar com isso, filho da puta!! Mesquinhos são vocês, e não me compara contigo. Você trabalha pra explorar o povo, pra banqueiro, empresário e latifundiário que mandam no governo, enquanto o povo tá à míngua, passando fome. Mas não adianta matar a gente não, sempre vão vir outros. Não adianta quantos de nós vocês matem. Minha mãe dizia que meu pai sempre falava que é melhor morrer...

- Lutando por liberdade que viver obedecendo a um tirano.

- Como você sabe disso??? Como você sabe disso??? Foi você que matou ele? Foi? não foi? Canalha? Assassino!!

- Agora não interessa, moleca! O que interessa é que ele tá morto e tu só tá viva porque eu te dei uma chance, mas a minha paciência já tá acabando. Fala logo, porra!

A Estudante sente mais um tapa. A lembrança do pai e da mãe faz com que a torturada, até então resistente, desabe em prantos:

- Covarde, canalha! Assassino! Assassino!

- Estás cavando tu mesma o teu abismo. Tu foste enganada e ainda não sabes. Tá jogando fora a chance de ter uma vida. Ter marido, filhos, uma casa.



- É o primeiro assassino que eu vejo se preocupando com a vida que o assassinado ia ter se não fosse executado, deve ser a véspera do dia dos pais. E isso é tudo que uma mulher deve querer na vida? Filho, marido e casa? Se tu tiveres uma filha, eu tenho é pena dela. Pra ter um pai assim, é melhor morrer sem ter tido um.

- Cala a boca! Cala a boca! Acabou a brincadeira! Eu vou te dar a última chance de escolher o lado dos vivos ou o lado dos mortos! Eu vou contar até cinco. Se até aí tu não falar o que eu quero saber, vai se juntar à tua família morta! Um...

Ao ouvir o início da contagem, a estudante fecha os olhos e pensa na mãe, e no pai que morreram quando ela ainda era bem criança.

- Dois...

- A contagem do homem desperta outra contagem, outros sons, perdidos em sua memória. Ela consegue distinguir uma menina chamando pelo pai para brincar de esconde-esconde, em meio ao som de outras crianças. A voz de um homem, distante, parece atender ao chamado da menina, dizendo que vai iniciar a contagem antes de descobrir onde ela havia se escondido.



- Três...

O breve silêncio da contagem dá tempo à estudante de achar que era familiar a voz de sua memória, dizendo à garotinha “lá vou eu, vou te encontrar”.

- Quatro...

Sim. Aquela voz lhe era familiar. Agora ela lembrava. Mas o que lhe fez recordar dessa voz perdida dentro dela desde menina? E por que essa lembrança vinha se desenhar só agora,

na hora da morte? Por que tinha vindo junto com a contagem daquele porco? Que voz era essa?

- Cinco...

No último intervalo antes do disparo, surge-lhe a imagem de um rosto de homem, que jamais ela esperava reconhecer, sorrindo, dizendo “te achei” à garotinha escondida, fazendo lhe sem querer sair pela boca uma palavra, como se escapasse direto de sua infância:

- Pai?...

O estrondo do tiro faz os dois torturadores do lado de fora do quarto olharem o relógio e sorrirem, pensando no jogo da final do campeonato. Eles abrem a porta, mas se espantam ao encontrarem o homem caído no chão com a cabeça ensanguentada e o seu revólver ao lado, e a estudante chorando descontrolada e olhando para o corpo.







Clei Souza

É professor pesquisador, doutor em Literatura, poeta com dois livros premiados lançados, contista, crítico literário, artista visual, produtor e letrista. Possui graduação em letras pela Universidade Federal do Pará (2003), mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (2007) e doutorado em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (2019). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: Amazônia, cultura, erotismo, processos identificatórios e interartes



Editora Gato Ed



Churume Literário